

---

## A cidade como espaço de festa: uma leitura sobre as Festas de Agosto e o Festival Folclórico de Montes Claros (MG)

*The city as a party space:*

*a reading about the Festas de Agosto and the Festival Folclorico in Montes Claros  
(MG)*

**Luis Fellipe Dias Souza e Luiz Carlos de Laurentiz**

---



**Edição eletrônica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/11924>

DOI: 10.4000/pontourbe.11924

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrônica**

Luis Fellipe Dias Souza e Luiz Carlos de Laurentiz, «A cidade como espaço de festa: uma leitura sobre as Festas de Agosto e o Festival Folclórico de Montes Claros (MG)», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.1 | 2022, posto online no dia 28 julho 2022, consultado o 18 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11924> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11924>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 de outubro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

---

# A cidade como espaço de festa: uma leitura sobre as Festas de Agosto e o Festival Folclórico de Montes Claros (MG)

*The city as a party space:  
a reading about the Festas de Agosto and the Festival Folclorico in Montes Claros  
(MG)*

Luis Fellipe Dias Souza e Luiz Carlos de Laurentiz

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 05/02/2021  
Aceitação / Accepted 13/05/2022

## Introdução

- 1 A partir de uma leitura histórica e cultural da cidade, é possível perceber a coexistência de manifestações que, apesar de compartilharem de uma mesma ocasião, ocupam diferentes lugares, de diferentes maneiras, causando diferentes rebatimentos sobre os espaços, que são apropriados e reapropriados para diferentes usos e funções. Dentre essas manifestações, as festas populares sempre estiveram presentes na história das cidades, acompanhando seu desenvolvimento, a construção de suas materialidades (como de sua arquitetura, seus usos e percursos) e de suas imaterialidades (sua história, seus valores e a cultura de seu povo), antes mesmo que fossem consideradas uma tradição.

- 2 Apesar de serem ainda pouco exploradas como ferramentas de estudo para a história e a compreensão das dinâmicas e das transformações urbanas, as festas populares podem ser entendidas como manifestações culturais que extrapolam questões de lazer, turismo, religiosidade e sociabilidade. As festas podem ser vistas como verdadeiras intervenções no espaço público, capazes de trazer não só ruptura aos ritmos cotidianos habituais, mas também de propor novas atividades, novos usos e novas paisagens. Apesar de seu caráter efêmero, caracterizado pela temporalidade de sua presença, as festas deixam registradas na história marcas que dizem muito – principalmente através de meios não verbais – sobre os tempos vividos. Desse modo, sua existência permite análises sobre transformações que se dão em diferentes dimensões e escalas, a começar pela própria festa em si, e que se estendem por toda sua amplitude, bem como sobre o papel que essas celebrações desempenham na construção da história de uma cidade, e dos lugares que ocupam na contemporaneidade.
- 3 O Congado é uma dessas manifestações que extrapolam os limites de uma mera festividade popular, ou de uma manifestação simplesmente religiosa. De matriz africana e constituinte do catolicismo popular, tradicionalmente, uma vez ao ano, dançantes e festeiros ocupam ruas e demais espaços públicos das cidades, trazendo ruptura aos ritmos citadinos, e promovendo transformações temporárias tanto nas dimensões físicas quanto nas imateriais.
- 4 Assim como outras manifestações, as festas do Congado têm muito a dizer sobre a construção e consolidação do espaço e do povo brasileiro, bem como sobre a ocupação da rua como espaço de festa. Muitas transformações sociais, políticas e religiosas foram atravessadas para que as festas tivessem não só permissão para acontecer, mas também para que fossem socialmente aceitas, nos moldes em que conhecemos, e da maneira como se dão em muitas regiões, como ou junto a eventos espetacularizados. Os rituais do Congado eram práticas realizadas entre os negros durante o período colonial, na época da escravidão. Hoje, em diversas regiões, são festas miscigenadas, que possuem grande engajamento popular, e que geralmente estão associadas a grandes eventos promovidos pelo poder público, gerando um grande contraste não só em relação ao que eram antigamente, mas também em relação aos usos do espaço.
- 5 Diante disso, o presente estudo dirige seu foco para a importância da leitura da cidade e de suas dinâmicas sob uma perspectiva cultural, através de interpretações das manifestações populares e seus efeitos e seus significados sobre o espaço em que se ambientam. Para isso, utiliza-se como objeto as *Festas de Agosto* da cidade de Montes Claros (MG), uma das mais importantes manifestações do Congado na região norte do estado. Existentes há mais de 180 anos, as Festas de Agosto acontecem anualmente no município, em homenagem e devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo.
- 6 Entretanto, as Festas de Agosto, atualmente, consistem em uma mistura de festa com evento, o que permite que não sejam observadas de maneira isolada. Apesar de as festividades possuírem uma motivação religiosa, apresentam também aspectos seculares. Há 41 anos, junto às celebrações, acontece também o *Festival Folclórico*, um evento promovido pelo poder público, e que traz uma programação de shows e barraquinhas, e que também gera uma grande movimentação – e conseqüente transformação do espaço físico – através da montagem de estruturas temporárias e da quantidade de pessoas atraídas pelo festival.

- 7 Numa relação de construção do lugar e de um espaço festivo, as mudanças provocadas e recebidas por ambas as programações são mutáveis no tempo e estão em constante reinvenção, e hoje representam diferentes associações no que se diz respeito à tradição, e na construção de valores a serem mantidos e preservados como patrimônio imaterial do município, possuindo diferentes representações e significados não só para os diferentes grupos sociais, mas também para a própria cidade.
- 8 Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo compreender, pelas Festas de Agosto de Montes Claros, a relação existente entre festa, evento e cidade, através de laços materiais e imateriais – sejam eles existentes na ocupação do espaço pelas celebrações, ou dos significados e vínculos criados a partir dessa relação – que fazem com que as Festas não só tenham um lugar de importância na história da cidade, mas que também sejam influenciadas por ela. Como método de investigação, além da revisão bibliográfica, partiu-se da etnografia – através de visitas em campo e acompanhamento da realização das Festas de Agosto do ano de 2019 –, além de conversas com os grupos que responsáveis pela organização. Também foram utilizados a pesquisa documental e o discurso gráfico como ferramentas para o levantamento de um breve histórico sobre as Festas e para a construção do material coletado e produzido em campo (como fotografias, croquis, entre outros). As análises presentes nesse trabalho procuraram ancorar-se nos diferentes significados atribuídos às festas, e na influência da introdução de novos objetos, e das maneiras de festejar, possibilitando a perpetuação da tradição e da cultura popular na cidade, as diferentes formas de apropriação do espaço, e as transformações decorrentes dessas manifestações.

#### 1. As Festas de Agosto de Montes Claros: uma breve contextualização



Figura 01: Localização da cidade de Montes Claros (MG). Fonte: Google Maps, 2019.

- 9 Localizada no norte de Minas Gerais, a cidade de Montes Claros (Figura 01) pode ser considerada um grande núcleo de manifestações culturais na região. Desde sua formação, antes mesmo de ser concebida como cidade, o Arraial das Formigas<sup>1</sup> (como antigamente era conhecida) já abrigava uma pluralidade de festas populares e, em sua maioria, religiosas. Algumas dessas festividades foram se perdendo ao longo dos tempos, enquanto outras foram se modificando, ganhando força e tomando maiores proporções, apesar de inúmeros impasses, dos mais diferentes tipos. Como é o caso das festividades aqui apresentadas, as Festas de Agosto. Conhecidas atualmente como a principal festa popular do município, as Festas de Agosto (Figura 02) são a principal manifestação da Congada na região, e movimentam milhares de pessoas anualmente nas ruas do centro da cidade, desde fiéis a observadores, criando não só um estado de ruptura ao ritmo cotidiano do lugar, mas também modificando o espaço onde se aloca, trazendo transformações temporárias e permanentes durante os seus mais de 180 anos de existência.
- 10 Durante cinco dias consecutivos (geralmente na segunda semana do mês de agosto), as guardas de Catopês, Marujos e Caboclinhos saem às ruas do centro da cidade para realizar os rituais tradicionais da programação religiosa. As atividades envolvem cortejos, performances, levantamento de mastros, missas e bênçãos e contam com a participação de centenas de devotos anualmente (Figura 03).

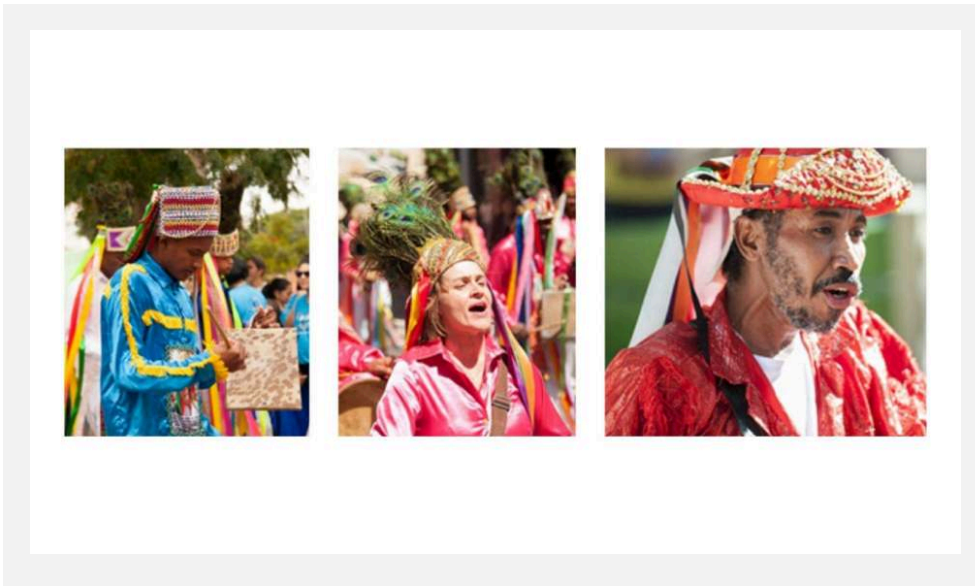


Figura 02: Cortejo durante as Festas de Agosto de Montes Claros (MG). Fonte: acervo do autor, 2019.



Figura 03: As Festas de Agosto de Montes Claros (MG), durante o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Fonte: acervo do autor, 2019.

- 11 No caso das Festas de Agosto, mais do que também comemorações religiosas, elas também são comemorações de representação social e cultural, sendo legitimamente reconhecidas pela população como a maior e principal festa da cidade, possuindo um forte poder de articulação dentro da comunidade. É onde as pessoas se sentem representadas, e onde é estabelecido um vínculo que gera forças atrativas de memória e identidade, pois mesmo aqueles que não vivem mais na cidade, retornam no mês de agosto com o intuito apenas de prestigiar e participar do evento.
- 12 Na cidade, a representação do Congado é constituída por três guardas: **catopês**, **marujos** e **caboclinhos** (Figuras 04, 05 e 06). As guardas representam, através da teatralização, as três raças que formaram o povo brasileiro: os negros, os brancos e os índios. Os catopês, representando a matriz africana; os marujos, a origem europeia; e os Caboclinhos, que representam os povos indígenas.



Figuras 04, 05 e 06: Integrantes dos Ternos de Catopês. Fonte: acervo do autor, 2019.

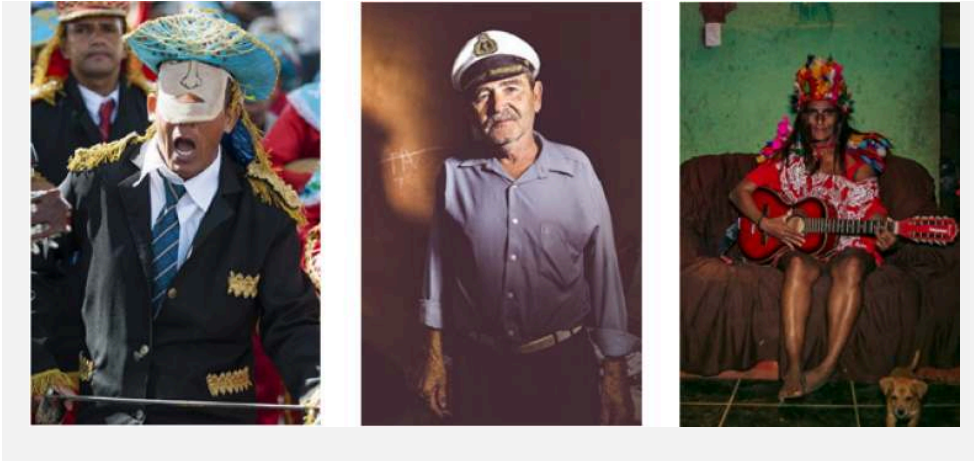
- 13 Os **catopês** representam a linhagem africana de origem do povo brasileiro, constituem o principal símbolo das Festas e representam o Reinado de Nossa Senhora do Rosário <sup>2</sup>. Os **marujos** (ou marujada) encenam sobre os navegadores portugueses e os princípios do catolicismo durante a colonização e representam o Império do Divino Espírito Santo (Figura 09). E, por fim, os **caboclinhos** (ou caboclada), que representam os povos indígenas, e constituem o Império do Divino Espírito Santo <sup>3</sup>.
- 14 Além dos grupos constituintes, há também outro lado da participação popular, de grande importância para o acontecimento dos festejos. Ainda que não se apresentem durante as performances, organizam e realizam atividades específicas, representando e reforçando o engajamento da comunidade na realização das festas.
- 15 Por trás de todo um ano de planejamentos, ensaios e organização para a semana em que a festa acontece, os integrantes dos Ternos têm de conciliar seus empregos – muitas vezes em condições precárias e informais – com uma estratégia para cumprir com o compromisso de fazer as Festas acontecerem, visto que sua realização parte principalmente de suas iniciativas. O poder público fornece uma quantia para auxiliar os Ternos financeiramente, mas o valor é pouco para, de fato, fazer as festas acontecerem, tampouco para amparar seus idealizadores, que lutam para sustentar as próprias famílias, muitas vezes precisando contar com auxílios e doações de cestas básicas. Portanto, apesar de haver reconhecimento por parte do poder público em tornar as festas oficiais, quem realmente é responsável por dar vida a elas é o povo.
- 16 E quem está “por trás” e à frente de toda a grandiosidade das comemorações são os próprios integrantes e mestres dos Ternos de Congado. Atualmente são três os Ternos de Catopês, dois de Marujos, e um de Caboclinhos em Montes Claros. Apesar de homenagearem as mesmas divindades, cada grupo possui características próprias:
- 17 O “1º Grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário” com cerca de 80 integrantes, é o mais antigo dos Ternos e, até o ano de 2021, foi comandado por João Pimenta dos Santos, conhecido como “Mestre Zanza” (Figura 07). Zanza liderou o grupo de catopês até seus 88 anos de idade, e esteve à frente durante 72 anos. Era considerado um “catopê de berço”, pois antes de ser mestre, seu pai e seu avô ocuparam essa função, ainda quando escravos, o que o fez acompanhar a organização e execução dos festejos

desde criança. Mestre Zanza dedicou sua vida às festas e quando faleceu em 2021 deixou o legado e seu cargo para seu filho Júnior Pimenta dos Santos, conhecido como Mestre Zanza Júnior.

- 18 Há também o “2º Grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário”, com cerca de 60 integrantes, que foi chefiado por João Batista Farias, conhecido como “Mestre João Farias” (Figura 08), até 2018. João Farias era carroceiro, e morreu aos 74 anos de idade. Esteve à frente do grupo de catopês por 46 anos, tendo participado dos cortejos desde criança, aos oito anos. O cargo deixado por ele foi assumido pelo seu neto, Yuri Farias. E o terceiro, o “Grupo de Catopês de São Benedito”, com cerca de 50 integrantes, chefiado durante muitos anos por José Expedito Cardoso do Nascimento, o “Mestre Zé Expedito” (Figura 09), que faleceu em 2016, aos 72 anos de idade, tendo dedicado mais de 64 anos à realização das Festas. Atualmente, o grupo é liderado por seus filhos Wanderley (Mestre) e Vera Lúcia (Contra-Mestra).
- 19 De Marujos, há dois grupos. A 1ª Marujada, atualmente chefiada por Mestre Tim (Figura 10), que assumiu após o falecimento de seu pai, Mestre Nenzinho. O grupo é caracterizado por utilizar vestimentas vermelhas e azuis, e chapéus das mesmas cores, além de instrumentos como violões e cavaquinhos, pandeiros e alguns instrumentos de percussão. A 2ª Marujada, comandada por Mestre Tone Cachoeira (Figura 11), que assumiu após o falecimento do seu antecessor, Mestre Miguel Araújo. Aqui, o grupo é caracterizado por utilizar vestimentas semelhantes às tradicionais de marujos, com roupas brancas e boinas, e utilizam os mesmos instrumentos que o primeiro grupo.
- 20 E, por fim, de Caboclinhos há somente um grupo, este liderado pela única mulher atualmente em posição de coordenação. Maria do Socorro, conhecida como “Cacicona Socorro” (Figura 12), comanda o grupo de aproximadamente 60 integrantes, dentre estes violeiros, caciquinhos e porta-bandeiras.

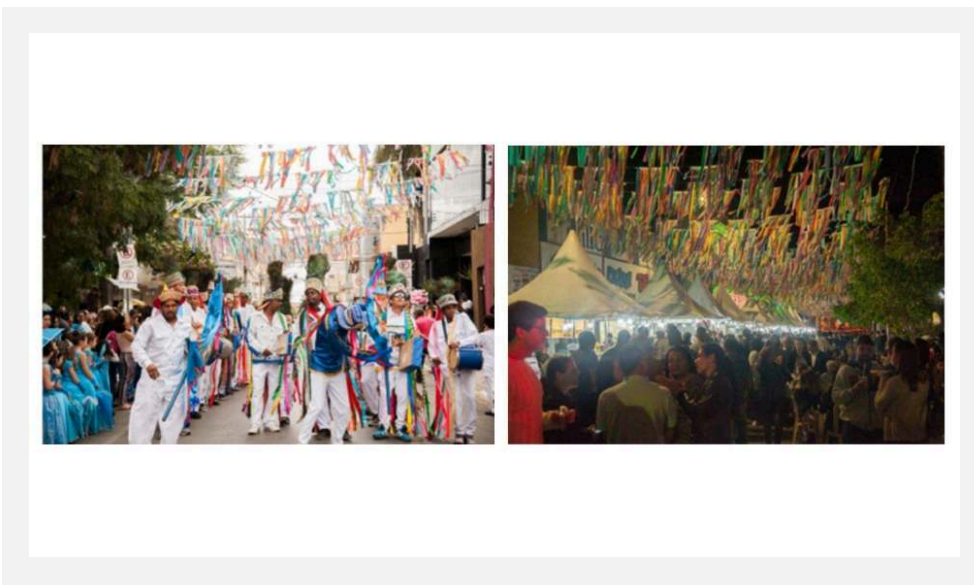






Figuras 07, 08, 09, 10, 11 e 12: Em sequência de imagens, Mestre Zanza, Mestre João Farias, Mestre Zé Expedito, Mestre Tim, Mestre Tone Cachoeira e Caciconá Socorro. Fonte: Agosto Vivo, 2020.

- 21 Apesar de possuir uma motivação religiosa, na contemporaneidade as Festas também se expandem para práticas seculares, uma vez que, paralelamente à programação religiosa, é promovido pela Prefeitura Municipal o Festival Folclórico, um evento que foi introduzido há aproximadamente 40 anos, de forma paralela aos festejos religiosos, com a proposta de uma vasta programação de shows, barraquinhas, exposições, e comércio dos mais variados produtos de artesanato local. Apesar de acontecerem durante o mesmo período, as **Festas de Agosto** e o **Festival Folclórico** (Figuras 13 e 14), possuem diversas semelhanças e diferenças entre si. De um lado, tem-se uma celebração da crença popular, que acontece durante o dia inteiro, com cortejos, missas, procissões; enquanto, de outro lado, tem-se um festival com programação caracterizada pela grande concentração e circulação de pessoas, e que acontece somente à noite. Além da diferença estrutural, os dois festejos ocorrem em locais separados, porém próximos, e possuem diferentes tipos de ocupação no espaço.



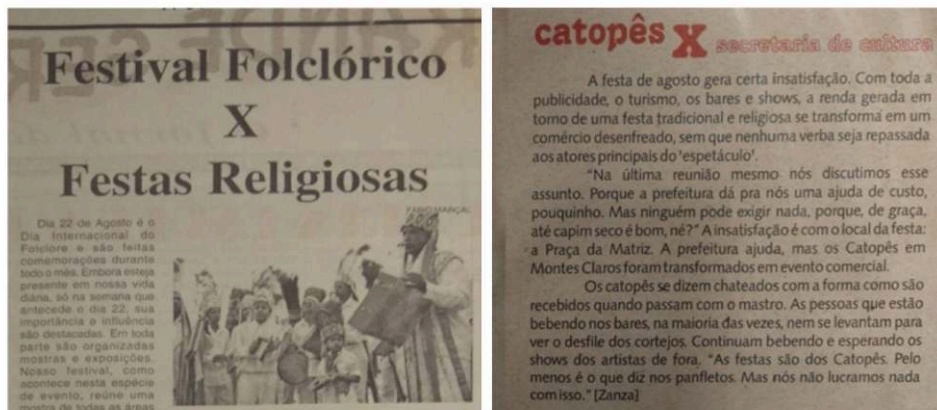
Figuras 13 e 14: À esquerda, a realização da programação das Festas de Agosto e, à direita, do Festival Folclórico. Fonte: acervo do autor, 2019.

## A relação existente entre festa e espaço

- 22 Diante dessa breve apresentação sobre as festas, há alguns questionamentos que movem o desenvolvimento desse trabalho. Que influência as Festas de Agosto e o Festival Folclórico exercem sobre o espaço em que acontecem? Que vínculo estabelecem? É possível que o espaço seja modificado através das festas? Ou que o próprio espaço, de alguma maneira, as modifique?
- 23 Apesar de estarem ambientadas nos espaços públicos, existem poucos estudos relacionando festas populares ao desenvolvimento das cidades. Os aspectos utilizados para caracterizar e denominar as festas e determinar o lugar que ocupam no espaço urbano, são definições frequentemente presentes nos mais diversos estudos sobre essas celebrações, nas várias áreas de conhecimento, principalmente nas ciências sociais e antropologia.
- 24 Desde sempre, produções culturais de todos os tipos são realizadas de maneira a expressar o ambiente urbano. Festas, eventos, festivais, manifestações, procissões e desfiles trazem diferentes significações para os espaços públicos que as acolhem, e muitas destas são verdadeiras representações que possuem como cenário a cidade. Lefebvre (2001), ao tomar a industrialização como ponto de partida para discutir a problemática urbana, aponta as questões culturais como integrantes importantes desse “motor das transformações na sociedade”. Segundo o autor, a cidade sempre foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras e pelas festas, sendo estas seu uso principal, ocupando as ruas, as praças, os edifícios e os monumentos. (Lefebvre, 2001)
- 25 Com a introdução da lógica do mercado e da indústria na cidade, as manifestações festivas foram sendo modificadas e “antropofagiadas” por estas lógicas. Nesse sentido, Lefebvre (2001) propõe que a cidade reencontre sua função primordial, aquela que dá sentido à vida humana, ou seja, a festa. Assim, o autor defende que a principal forma de se fazer uso da cidade, isto é, das ruas, praças, monumentos e edifícios, é a Festa. Para ele, a realidade social não se concretiza fora do espaço, e este é o elemento central da estrutura da sociedade moderna, e a Festa se espacializa na cidade e confere sentido para a vida humana.
- 26 Ao traçar-se um linear histórico, desde as cidades medievais já havia uma disposição de utilizar espaços públicos como lugares de lazer, comércio e festas, uma vez que comemorações civis e religiosas ocorriam frequentemente nas ruas desde aquela época. (Santana, 2009). Mas apesar disso, as festas nem sempre ocuparam a rua. No Brasil, as manifestações culturais ficaram por muito tempo vinculadas à Igreja, uma vez que, desde a época da colonização, as atividades culturais eram permeadas por expressões cristãs, pois toda a população era educada segundo os princípios da tradição religiosa católica. Segundo Mary Del Priori (1994), era no momento das festas que segmentos de sociedade, como negros e índios, aproveitavam como “brechas” para exibirem traços de suas culturas. Esses grupos, reprimidos e submetidos à opressão lusa, buscavam “transformar as comemorações religiosas [tradicionalmente portuguesas] em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, maneira de vestir e reproduzir suas hierarquias tribais e religiosas.” (Del Priori, 1994, p. 29)
- 27 Talvez uma das mais importantes contribuições seja a do arquiteto e urbanista Murillo Marx, que faz uso das festas para discutir a cidade. O autor afirma que o espaço público

no Brasil passou por uma transição do sagrado para o profano. Essa transformação partiu de espaços como a rua, onde o uso religioso se destacava, pelas festas, procissões e eventos litúrgicos, ainda que de caráter excepcional, que promoviam e potencializavam a sociabilidade, perante um cotidiano civil que não alcançava grandes proporções. Um lento processo de secularização resultou numa inversão de valores, e o uso mundano, atualmente, se sobressai sobre o uso religioso, cujo qual foi essencial na consolidação desses espaços. (Marx, 2003).

- 28 Essa característica de transformação e secularização é perceptível, por exemplo, nas Festas de Agosto. Além das mudanças em sua estrutura, localização e caracterização ao longo dos anos, é notável o impacto que a inserção do Festival Folclórico junto à programação causou em questão de aceitação popular e de movimentação de pessoas para participar dos festejos. Por um lado, esse impacto pode ser considerado positivo quando se trata de visibilidade, grandiosidade e construção de uma imagem sobre uma determinada manifestação cultural, uma vez que uma maior adesão de pessoas participantes dos festejos, possibilita maior apoio, aceitação e incentivo para as festas possuam maior reconhecimento e valorização por parte da comunidade. Entretanto, a inserção de um evento espetacularizado pode também trazer uma série de conflitos e dificuldades, e até mesmo um desvio da motivação principal dos festejos.
- 29 Desde a proposta do Festival Folclórico, os Ternos e seus integrantes enfrentaram várias dificuldades para a realização de suas celebrações. O evento não só tomou proporções maiores e atraiu um número de novos adeptos, mas condicionou a realização das Festas conforme as suas necessidades, e não conforme as necessidades dos Ternos. Dentro desse processo, houve muitas mudanças de lugar para acontecimento das Festas, uma vez que ano após ano o Festival crescia, e um lugar a princípio destinado a seu acontecimento já não comportava mais a quantidade de pessoas, o que abriu um espaço para a expansão do comércio informal dentro da própria festa, que veio a se tornar uma oportunidade para o comércio.
- 30 As constantes tentativas de junção espacial das duas festas resultava na transformação do espaço festivo um verdadeiro espaço de disputa, pois por muito tempo houve a tentativa de manter-se a programação religiosa junto à programação profana, ocorrendo simultaneamente, mas ocasionaram muitos conflitos, gerando insatisfação por parte dos Ternos, que reivindicavam um local para a realização das suas práticas de devoção junto à Igreja do Rosário (Figuras 15 e 16).



Figuras 15 e 16: Recortes feitos de manchetes de jornais locais, onde é possível notar tensões existentes entre as programações das Festas de Agosto e do Festival Folclórico. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros, 2019.

- 31 A compreensão da festa enquanto rito é um fio condutor para os desdobramentos de sua conceituação e para o entendimento da distinção entre festa e evento. A questão ritual é bastante revistada na caracterização das festas, não só em virtude da característica religiosa incorporar à sua estrutura, em sua essência, mas também pelo objetivo e a necessidade de rememoração do mito enraizado nas tradições. O símbolo assume verdadeiramente uma função, não estando relacionado somente a significar um objeto, um acontecimento, mas em celebrá-lo. Em utilizar todos os meios de expressão para transparecer, trazer à tona e relembrar de forma recorrente o valor que se atribui aos mesmos. (Amaral, 1998). Essa relação está presente até mesmo à etimologia de celebrar, do latim *commemorare*, que significa “trazer à memória, lembrar”.
- 32 O antropólogo e sociólogo Carlos Brandão (1974) identifica a questão ritualística da festa não só vinculada à memória e à celebração de algo, mas também atingindo seu potencial de acontecimento social. Segundo o autor, “a festa é um tipo de ritual e os limites do ritual podem ser alargados a todas as ações que objetivam e produzem comunicação social.” (Brandão, 1974, p. 30). Contudo, o autor também chama a atenção para como essa capacidade pode ser utilizada como meios de apropriação, e como as festas estariam, atualmente, sendo “vencidas” pelos modos de produção capitalista e pelo crescimento industrial.
- 33 A discussão sobre a transformação de festas populares em eventos de “grande porte” é um ponto de conflito para muitas discussões, pois, de um lado, há quem defenda que a realização de festivais junto a festas tradicionais movimenta a economia local, promove a socialização, valoriza os produtos e artistas regionais, e incentiva o turismo; contudo, por outro lado, há quem questione a efetividade desse tipo de prática, e se elas de fato contribuem para a população e para a cidade, ou se funcionam como meros instrumentos para movimentar a economia, voltados exclusivamente para o consumo das elites, e para “espetacularizar” uma tradição.
- 34 A modernização de festas populares tem um impacto imediato e temporário sobre a economia local, o turismo e a sociabilização, mas não se pode deixar que observe que também são potenciais geradoras de imagem, e por trás disso tudo, transmite o reflexo

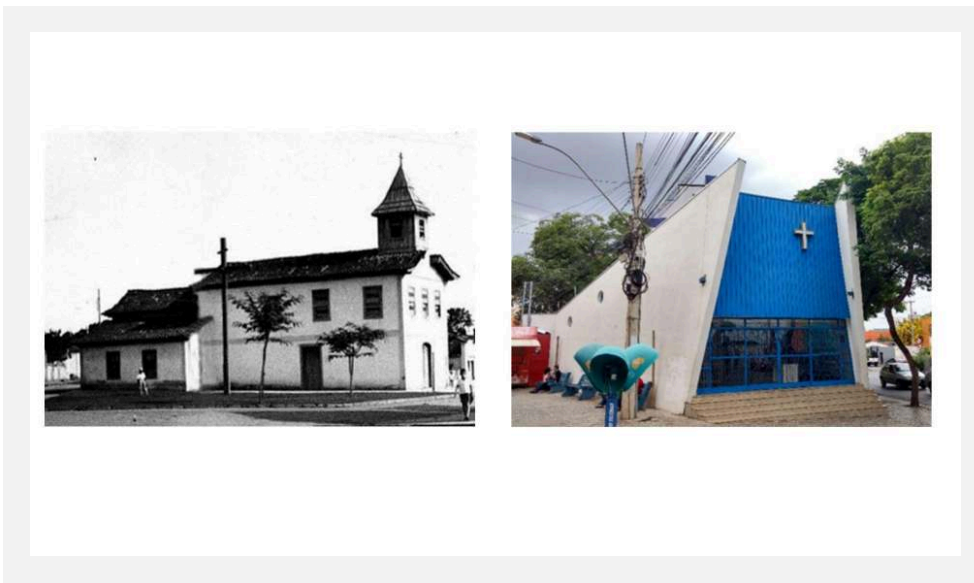
da sociedade sobre essas práticas que, através do evento, amplia sua participação e adesão a partir de determinado momento, em virtude de uma modernização que tem intuito de tornar alguns rituais festivos em práticas populares socialmente aceitas.

- 35 Em todo o país, as festas populares mais expressivas atualmente tiveram origem nas festas religiosas portuguesas, e a procedência dessa forma de expressão cultural está relacionada à doutrina do padroado, que sacralizava a união entre Estado e Igreja, formando um sistema único de poder e legitimação, tendo a fé católica como a religião oficial. (Santana, 2013, p. 47). Há muito tempo, desde a chegada dos colonizadores, as festas religiosas vêm pontuando a história do país, o que as tornaram fundamentais na estruturação social e urbana. Diversas festas, sobretudo as de caráter católico, vêm ocorrendo durante todos os anos nas cidades brasileiras, cada qual apresentando certas especificidades, dependendo da comunidade onde estão inseridas no período em questão.
- 36 No período colonial, durante as festas, todas as camadas sociais e pessoas de diferentes classes e etnias se reuniam. De vice-reis até os índios e africanos, a festa colocava em contato as diversas culturas e, ao mesmo tempo, exercitava esse modelo que, posteriormente, veio a se tornar um “típico brasileiro”, buscando uma semelhança dentro da diversidade cultural. Esse jeito brasileiro de fazer da fé uma festa se propagou por todo o território, adquirindo particularidades em toda a região, até se tornarem o modelo que conhecemos atualmente. (Santana, 2013)
- 37 De acordo com Brandão (1989), naquela época, as festas de devoções aos santos constituíam-se em um divertimento popular que foi impregnando-se pela mistura das diferentes culturas das raças que formaram o povo brasileiro e que, aos poucos, foi libertando-se da primitiva e intensa carga litúrgica trazida pelos portugueses. Com o passar do tempo, as transformações culturais e econômicas pelas quais a sociedade foi passando foram modificando e associando-se aos lugares, desdobrando-se em outras festas. A festa dos Magos, por exemplo, transformou-se na Folia de Reis, a Festa do Divino, em Folia do Imperador do Divino, e assim por diante. (Brandão, 1989)
- 38 Essa característica é notável quando se levanta um histórico sobre as Festas de Agosto, desde sua existência até a contemporaneidade. As Festas atualmente levam esse nome, no plural, mas nem sempre foi assim. Essa denominação é resultante da junção de três festas distintas: a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a Festa do Divino, que ocorria no período de Pentecostes, e a Festa de São Benedito, que acontecia no mês de setembro ou outubro. Estas duas últimas foram aglutinadas à Festa de Nossa Senhora do Rosário, que, tradicionalmente, era realizada no mês de agosto e, por isso, popularmente, também é conhecida como Festa dos Catopês (em referência a como são chamados os dançantes dos Ternos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário).
- 39 Segundo Malveira (2011), nos primórdios da fundação de Montes Claros, as festas em homenagem aos santos pretos não eram uma prática bem aceita pela sociedade e pela Igreja durante os seus primeiros anos de sua existência.

Há aproximadamente 150 anos, a antiga vila celebrava e festejava as Festas de Agosto diferentemente da configuração atual. As primeiras festividades eram realizadas pelos negros que tinham suas práticas proibidas ou ignoradas pela Igreja e autoridades locais. [...] Mas ao longo dos séculos estas festas, ganharam o gosto da população. Possivelmente esta identificação e aceitação se justificam porque grande parte da população da cidade era de negros e descendentes mesmo subjugados que souberam transmitir seu legado sincretizado aos elementos da religiosidade e das condições impostas pelo poder oficial. Depois de um tempo, as festas dos

congadeiros para seus santos se enraizaram na sociedade e, por essa razão, acabaram obtendo a autorização oficial para acontecer, mas também tiveram, por outro lado, que aceitar a supervisão da Igreja. (Malveira, 2011, p. 52)

- 40 Esse fato demonstra que os festejos e celebrações dos negros, nem sempre acolhidos pela Igreja Católica e pelos poderes locais, paulatinamente foram conquistando espaço na sociedade, mas que consistiu num período longo de aceitação.
- 41 Outro evento a ser pontuado é sobre o acontecimento das Festas junto à Igreja do Rosário, tida como sede para expressão da devoção dos fiéis durante a festa. Existem divergências sobre a data exata da construção da Capela do Rosário (Figura 17), mas de acordo com arquivos históricos da Arquidiocese de Montes Claros, sua edificação se deu em 1839, e sua demolição por volta de 1960. A construção da Capela do Rosário havia sido uma demanda dos Ternos de Catopês por um local onde pudessem, além de ser próprio para realizar suas missas e bênçãos, se reunir, conversar e organizar os próximos encontros. Sua demolição se deu durante um processo de modernização da cidade, cuja qual passava por uma onda desenvolvimentista. (Canan, 2014). Um jornal datado em março de 1960 traz informações sobre o processo de destruição da capela, associando-o à “modernidade”. A reportagem destaca a Igreja como “um problema”, pois se encontrava localizada no centro da cidade, dificultando o trânsito de automóveis. A Capela do Rosário estava sendo vista pela administração como um obstáculo que deveria ser transposto, pois se localizava numa das principais avenidas da cidade. O templo foi demolido para construir no local outro mais moderno (Figura 18), num terreno deslocado a poucos metros de distância da posição original, e a fim de receber também um novo partido arquitetônico.



Figuras 17 e 18: À esquerda, a antiga Capela do Rosário (1839) e, à direita, seu partido arquitetônico atual (2020). Fontes: Instituto Geográfico de Montes Claros e acervo do autor, 2019.

- 42 Logo, diante dessa nova demanda, era construída pelos próprios integrantes dos Ternos de Congado um novo templo, contando com doações de materiais e seu próprio trabalho. Nesse contexto, enquanto a cidade passava por um processo de modernização, ao mesmo tempo em que as Festas foram ganhando aderência junto à sociedade, foi proposto pela Câmara Municipal e a Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros o “Festival Folclórico”, tornando-se então parte do calendário das festas populares sob a justificativa de fortalecimento das manifestações e uma preocupação de “preservação

da tradição e perpetuação dos costumes populares, mas sem desmerecê-los ou descaracterizá-los.”



Figuras 19 e 20: Momento de realização da programação religiosa das Festas de Agosto junto ao Festival Folclórico, na Praça da Matriz. Sem data. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2019.

- 43 Tal fato possibilitou um deslocamento da diretriz religiosa das manifestações e ritos baseados nos estímulos da fé, da devoção, e da oração e estabeleceu um contato mais próximo com aspectos “profanos”. Não há registros sobre um consenso ou um diálogo com os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos sobre a realização do Festival a partir das Festas de Agosto. Entretanto, é possível observar indícios de que não só a sobrevivência da Festa, mas também o interesse em sua manutenção pelo poder público através de incentivos, esteve condicionada à existência do Festival. As constantes tentativas de junção espacial das duas festas resultava na transformação do espaço festivo um verdadeiro local de disputa (Figuras 19 e 20), pois por muito tempo houve a tentativa de manter-se a programação religiosa junto à programação profana, ocorrendo simultaneamente, mas ocasionaram-se muitos conflitos, gerando insatisfação por parte dos Ternos, que reivindicavam um local para a realização das suas práticas de devoção junto à Igreja do Rosário, que havia sido demolida e reconstruída.
- 44 Ou seja, a festa sofreu mudanças em virtude do desenvolvimento urbano e da modernização, precisando passar por várias adaptações para serem aceitas e poderem acontecer. E essas transformações não são só de ordem física, como as mudanças de local de celebração e de trajetos dos cortejos durante todo o tempo de sua existência, mas mudanças vindas de decisões das gestões administrativas, nas permissões e supervisões impostas pela Igreja católica, e pela própria sociedade, que possuía uma visão estereotipada sobre as práticas e sobre os pretos que participavam dos festejos, principalmente por serem consideradas práticas destinada aos escravos, na época. Segundo Malveira (2011),

Depois de um tempo as festas dos congadeiros para seus santos se enraizaram na sociedade e, por essa razão, acabaram obtendo a autorização oficial para acontecer, mas também tiveram, por outro lado, que aceitar a supervisão da Igreja (...). Mantidas posteriormente pelas famílias importantes da cidade, as festas nos

últimos tempos têm contado também com o apoio do poder público que começou a perceber a importância deste espaço. (Malveira, 2011, p. 53)

- 45 Diante do exposto, é possível perceber uma problemática gerada em torno da sobreposição das festas religiosas com o evento. Além disso, a partir da criação do Festival, outras transformações mais sutis pelas quais as Festas passaram demonstram algumas outras imposições a que os grupos festeiros foram submetidos, também como parte de inclusão e aceitação em meio à sociedade, como a modernização dos trajes e alguns instrumentos utilizados. Processos de negociação para se conseguir autorização para a Festa ainda se fazem presentes das mais diferentes maneiras, e têm se repetido ano após ano, mas ainda envolvendo diversas lideranças – da Igreja, do poder local e da própria sociedade. Nesse sentido, através dos tempos, além de um “divertimento” das diferentes classes sociais, a festa também pode ser vista como um meio de sobrevivência das manifestações tradicionais de uma comunidade, de maneira a perpetuá-las no tempo ou no espaço, ainda que houvessem que ceder aos poderes de maior influência na sociedade.

## Uma leitura espacial sob a perspectiva da festa

- 46 Festa e cidade estão numa relação de constante troca. Uma encontra suporte na outra e estão ligadas de forma intrínseca, numa relação de simbiose construída por laços de memória e afetividade. As expressões da cultura popular só podem ser entendidas se considerados os contextos sociais em que são produzidas, e o meio físico e o contexto social, onde se inserem os grupos sociais, não devem ser abordados como meros cenários, mas como elementos constituintes e estruturais de análise.
- 47 Dessa maneira, através da presença da festa, essa relação é refletida nas ruas e demais espaços públicos da cidade, e é o que se pretende analisar a seguir, encarando as Festas de Agosto e o Festival Folclórico como intervenções que, apesar de intermitentes, são capazes de estabelecer relações com o espaço não só de maneira momentânea, mas também construir um legado através dos tempos.





Figura 21: Centro da cidade de Montes Claros. Fonte: acervo do autor, 2019.

- 48 Atualmente, as Festas de Agosto e o Festival Folclórico acontecem no centro da cidade (Figura 21), o núcleo urbano de Montes Claros, também conhecido como “Centro Antigo”, por ser o local relacionado à gênese da cidade, cuja qual deu-se início a partir da formação do antigo Arraial das Formigas (1768). Local onde se encontra a maior concentração do comércio e de serviços na cidade, o centro da cidade de Montes Claros é marcado pelo grande fluxo de pessoas e pelo caráter de transitoriedade e alta movimentação. Existe uma grande valorização dessa região em razão da instalação de serviços e comércios.
- 49 Uma das grandes transformações causadas pelas festas é a ruptura do estado de cotidiano na cidade e no caso das Festas de Agosto o fato de acontecerem no centro da cidade, a céu aberto, durante o horário comercial, é um sinal de presença marcante no espaço. Um local onde, em estado de cotidiano, é caracterizado por um caos urbano, e a prioridade de tráfego é cedida quase que completamente aos automóveis, criando vários pontos de conflito para pedestres (Figura 22). Durante o período de celebração, várias ruas são fechadas ou desviadas para os carros, permitindo-se o trânsito somente para os Ternos de Catopês, Marujos e Caboclinhos (Figura 23).
- 50 Durante a época de festas, também é perceptível o impacto que as manifestações exercem sobre o bairro e sobre a dinâmica dos comerciantes, pois toda a lógica de atividades realizadas durante o cotidiano precisa se modificar para as festas acontecerem: o trânsito, o fluxo de pessoas que circulam pela área, os horários de funcionamento dos estabelecimentos, a paisagem da cidade, entre outros elementos, sendo alguns deles até não visíveis, como a modificação dos domínios de uso público e privado, por exemplo.



Figura 22: Ocupação das ruas do centro da cidade durante o cotidiano. Fonte: acervo do autor, 2019.

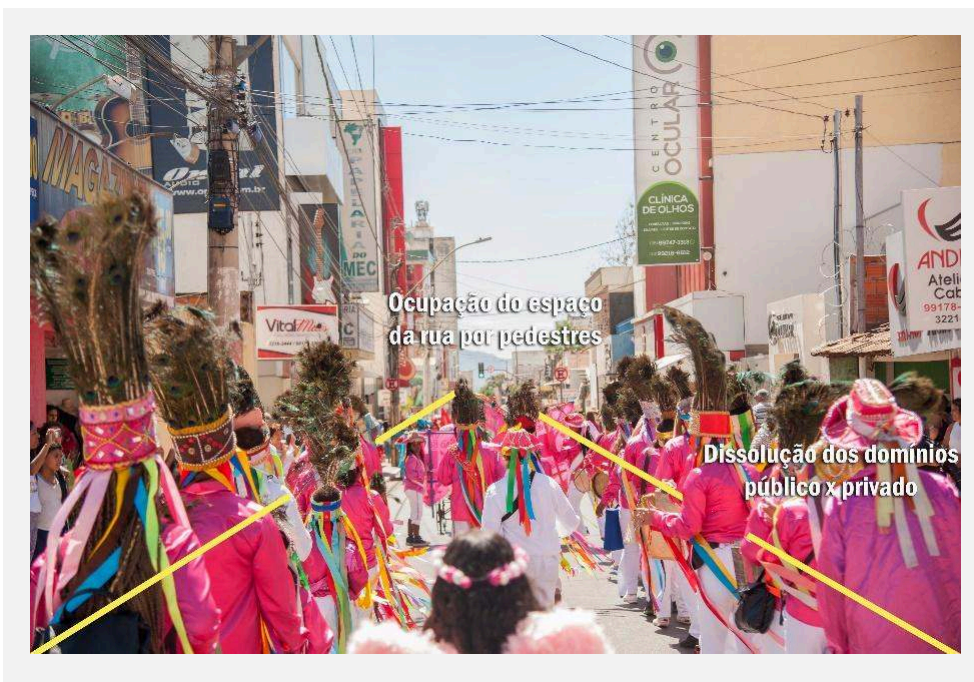


Figura 23: Ocupação das ruas do centro da cidade durante as Festas de Agosto. Fonte: acervo do autor, 2019.

- 51 Outra mudança notável é que durante as Festas de Agosto e o Festival Folclórico o fluxo de pessoas pelos espaços é significativamente maior do que o encontrado no cotidiano, o que além de resultar numa potencialização dos espaços coletivos que já são de uso público, aumenta a entrada e saída de pessoas pelas edificações, diluindo quase por completo os limites entre público e privado durante a presença das festas, tornando-se praticamente imperceptível essa delimitação durante o evento (Figuras 24 a 27). Ou seja, a socialização, a coletividade e a proximidade são exercidas de maneira mais intensa.

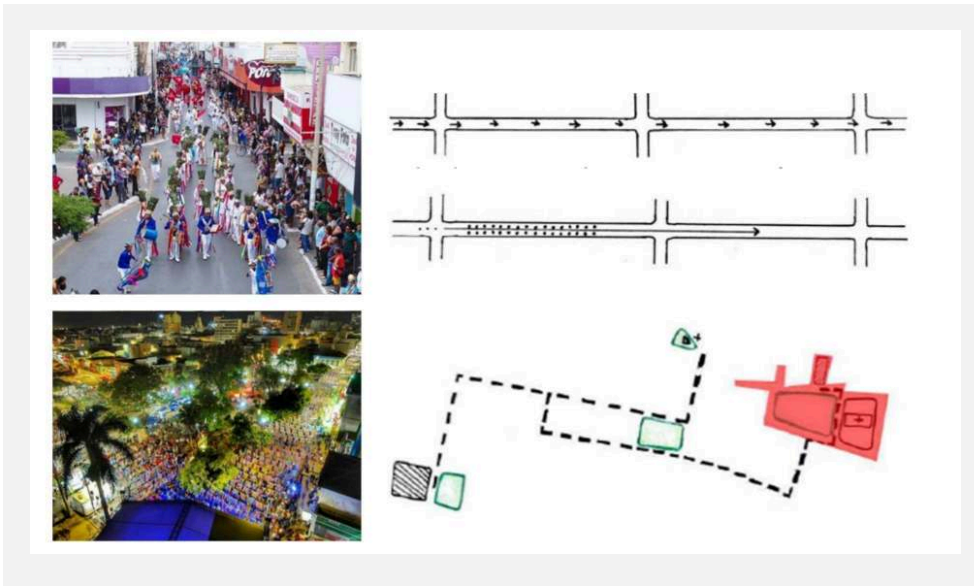
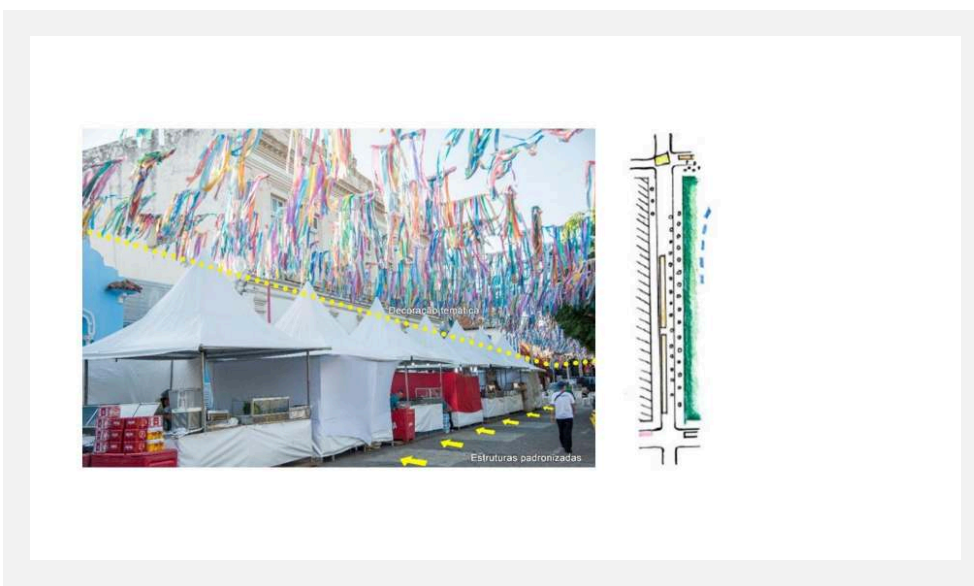


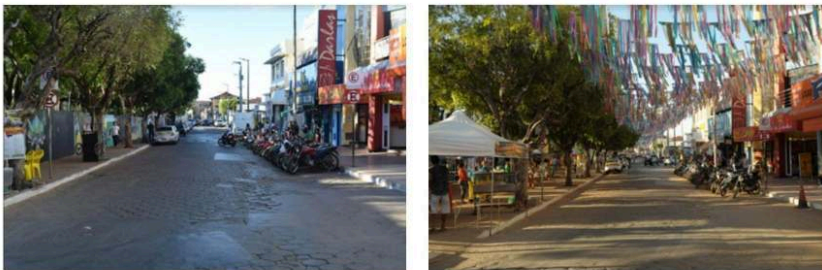
Figura 24, 25, 26 e 27: Demonstração da ocupação dos espaços e croquis com as diferentes espacializações das Festas de Agosto e do Festival Folclórico. Fonte: elaborado pelo autor, 2019

- 52 Como as celebrações são intervenções temporárias no espaço, compreende-se como a arquitetura da festa as estruturas temporárias que são instaladas no espaço e a ornamentação, e estas como elementos que, conseqüentemente, alteram a paisagem momentaneamente (Figuras 28 e 29). Durante todo o mês de agosto, o centro da cidade é decorado com fitas coloridas e elementos que remetem às vestimentas, aos instrumentos, e à imagem dos Catopés, Marujos e Caboclinhos, e constitui um dos principais símbolos físicos das Festas, e que mais despertam os sentidos da população. A decoração é distribuída por toda a área da festa, abrangendo a região onde acontecem os trajetos e também a área de concentração do festival, onde são penduradas fitas coloridas pelas ruas, anunciando a iminência dos tempos de comemoração. É como se a cidade se vestisse com cores, preparando-se para receber as Festas, onde uma nova atmosfera será instaurada naqueles espaços.



Figuras 28 e 29: Estruturas temporárias instaladas para o acontecimento das Festas de Agosto e Festival Folclórico. À direita, croqui de ocupação dessas estruturas. Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

- 53 No meio físico, a alteração mais perceptível é da paisagem, que é representada pela decoração das ruas e espaços públicos da cidade com fitas e cores, para receber as Festas e o Festival (Figuras 30 e 31). O elemento ornamental já se tornou um símbolo que desperta os sentidos da população, que já o aguarda como um sinal de que a cidade está se preparando para os festejos. Estruturalmente, o evento gera um impacto maior sobre o local de realização do que a programação religiosa, no sentido de provocar mais alterações no espaço físico, devido às grandes estruturas temporárias que são instaladas no local. Para os cortejos, não são preparadas estruturas, apenas o conjunto da população, gerando maiores alterações somente no tráfego viário. Durante o festival, as estruturas se fixam nas vias e só são retiradas após o fim do evento. Já em relação à programação religiosa, as mudanças físicas na dinâmica do centro são mais transitórias, pois as ruas são fechadas para os cortejos somente no momento da passagem dos Ternos, não sendo obstruções que perduram por todo o dia, durante as festas.



Figuras 30 e 31: Comparação visual de uma rua do centro da cidade antes e durante as Festas de Agosto. Fonte: acervo do autor, 2019.

- 54 Fica evidente também, durante o momento de Festas, que a ocupação do centro da cidade muda seu caráter, principalmente durante à noite, onde passa de um lugar vazio e perigoso para transitar a pé, e se abre um espaço ocupado por uma multidão de pessoas e atividades, tornando-se também um espaço de comemoração e de devoção ao ar livre. As ruas deixam, momentaneamente, de ser ocupadas por automóveis e dão lugar aos pedestres, que transitam livremente. Além disso, é possível perceber as mudanças de usos, a dissolução do que se tem por público e privado, e os horários de funcionamento dos comércios e instituições. Logo, tem-se a distinção entre festa e evento acontecendo e sendo percebida sobre o próprio espaço, demonstrando não só que as práticas dos festejos são indissociáveis do espaço em que acontecem, mas também que os significados encontram-se traduzidos na própria cidade – e rastros estes que são permanentes – trazendo lembranças de histórias vinculadas àquele recorte do espaço urbano que, ano após ano, torna-se sagrado para um grupo, e sendo nos dias de hoje um lugar vital para a manutenção das Festas de Agosto.
- 55 A partir das análises, é possível perceber uma problemática gerada em torno da sobreposição das festas religiosas com o evento. Além disso, a partir da criação do

Festival, outras transformações mais sutis pelas quais as Festas passaram demonstram algumas outras imposições pelas quais os grupos festeiros passaram, também como parte de inclusão e aceitação em meio à sociedade.

- 56 A presença de um evento espetacularizado junto às festas religiosas representa, até hoje, constantes conflitos públicos, juntamente ao questionamento de uma ideia equivocada de liberdade religiosa, a qual, em sua essência, é colocada “em xeque”. Por muito tempo tentou-se unir as duas programações, tentando sediá-las num mesmo espaço.
- 57 O espaço urbano sacralizado é um dos aspectos que condicionam e legitimam a realização e a perpetuação das práticas ancestrais e manutenção da religiosidade popular através da festa, sem os quais elas perderiam seu sentido. Ano após ano, os grupos assumem compromissos de fé e sustentação para não deixar morrer a tradição e os costumes – como sempre o fizeram, mesmo diante das proibições e questões relacionadas à fé, à administração pública e à sociedade civil. Logo, a existência de um espaço sagrado, de rememoração e de rito, que se dá tanto pelo espaço edificado como pelo espaço público, é algo que transcende as relações materiais e as dimensões físicas, tornando-se uma base consistente para compreender as diferenças entre o espaço do evento e o da festa, como ambos modificam de diferentes formas, temporária e permanentemente, seus respectivos limites, e os reflexos de suas sobreposições (ou as tentativas das mesmas) sobre as dimensões em que se inserem.

## Considerações finais

- 58 Festa e cidade estão numa relação de constante troca. Uma encontra suporte na outra e estão ligadas de forma intrínseca, numa relação de simbiose construída por laços de memória e afetividade.
- 59 A forma como a festa da Congada se dá atualmente é resultado de décadas de adaptações e mudanças na sua condução, a fim de adaptá-la para ser socialmente aceita, desde sua concepção, pelas reações impostas pelo catolicismo, por meio do sincretismo religioso, como nas formas de se vestir dos Ternos, frente aos preconceitos e estereótipos atribuídos historicamente aos negros, das atividades culturais envolvidas nos festejos para permitir a participação de novos grupos sociais. É possível atentar-se para a ideia de que:
- 60 A despeito dos elementos expressivos (como a música, a dança e as cores) com possíveis relações africanas ou afro-brasileiras – caráter mais evidenciado na literatura que trabalha as questões de resistência cultural, sincretismo e hibridismos –, o modelo de congada que apresenta o completo “Cristão versus infiéis” possui uma procedência ligada aos projetos de missionação católica no Brasil, notadamente os jesuítas. Mesmo representando em seu drama estético os episódios de dramas sociais no Congo e em Angola, espraia-se em desdobramentos aqui no Brasil refletindo também dramas sociais locais. (Cirino, 2012, p. 27)
- 61 É possível notar elementos, caracterizações e condutas para se pensar nos processos de “folclorização” e “domesticação” das manifestações populares, bem como sobre os processos de legitimação e construção de discursos nos quais as expressões culturais são produzidas, rearranjadas e modificadas através da história. (Cirino, 2012).

- 62 A consideração da folia como mero folclore explicita a invalidação meticulosa das formas de religiosidade das camadas populares. A ideia de que há variedades e não graus de cultura (ou religiosidade) ainda não desbancou a noção de um refinamento intelectual (e espiritual) resultante de um processo civilizador. (Silva, 2009, p. 16)
- 63 Através do canto, da dança, de folias, dos cortejos performáticos e da dramatização, os grupos – os chamados “Ternos” ou “guardas” – contam histórias sobre a colonização, a época da escravidão e sobre suas próprias espiritualidades e crenças. Sobretudo, revelam aspectos e fazem parte do processo de formação do campo que ocupam na cidade, as ruas e espaços públicos, podendo ser entendida não só como patrimônio imaterial pelas tradições que são transmitidas de geração em geração, mas também como atos de resistência perante os processos de modernização e tensões políticas, econômicas, religiosas ou sociais, cujas quais são determinantes na forma como se dá a construção dos espaços de uma cidade.
- 64 Dessa maneira, através da presença da festa, essa relação é refletida nas ruas e demais espaços públicos da cidade, e é o que se pode perceber nas Festas de Agosto de Montes Claros. Quando se dispõe um olhar sobre o passado e o presente das festas e da própria cidade, é possível notar uma construção longa e árdua de valores relacionados às manifestações da congada no município. A história mostra que, desde o surgimento impreciso da festa, houve uma série de embates e tensionamentos sociais, políticos e religiosos pela questão de sua existência.
- 65 Condições físicas e sociais impossibilitaram as festas durante certo tempo, mas que é a sociedade mesma a única capaz de inventar, instituir e pôr em marcha sua própria celebração. Construiu-se, através dos tempos, um vínculo muito forte entre a festa e lugar, tanto por questões históricas, quanto por questões interpretativas, possíveis também de se concluir a partir de análise em campo. Durante o mês de agosto, é possível notar uma valorização da fé, da devoção, da vida comunitária e do próprio espaço do centro da cidade, em função da manutenção de uma tradição local que já acontece há quase duzentos anos, e que, devido à sua regularidade e grande quantidade de adeptos, confere forte identidade a esse âmbito já complexo da cidade.
- 66 A partir da leitura da cidade como espaço de festa, é possível compreender a espacialização das Festas de Agosto e do Festival Folclórico, e como estes modificam as dimensões em que se fazem acontecer. Num primeiro momento, o que chama a atenção é a separação entre festa e evento através do espaço, e como isso se inscreve no espaço da rua. Uma vez que não se entrelaçam, as diferentes manifestações também ocupam lugares com diferentes características. Ambas as intervenções possuem dinâmicas, motivações, e formatos diferentes, que conseqüentemente resultam também em espacializações diferentes. Ambos os locais propostos para a realização das festividades pertencem ao centro da cidade, uma área marcada pela forte presença do comércio. Durante a época de festas, é perceptível o impacto que as manifestações exercem sobre o bairro e sobre a dinâmica dos comerciantes, pois toda a lógica de atividades realizadas durante o cotidiano precisa se modificar para as festas acontecerem: o trânsito, o fluxo de pessoas pela área, os horários de funcionamento dos estabelecimentos, a paisagem da cidade, entre outros elementos, sendo alguns deles até não visíveis, como a modificação dos domínios de uso público e privado, por exemplo.
- 67 Através da análise da relação entre intervenção e espaço, entre festa e cotidiano, também se torna possível pensar sobre as relações de identidade, etnicidade e territorialidade provenientes do movimento, da ocupação dos lugares, que promove

uma dissolução, ainda que temporária, de fronteiras existentes na organização do espaço urbano.

- 68 Essa abordagem, por exemplo, é trazida por Michel Agier (2011), ao observar as várias nuances do estudo da cidade, através da perspectiva não só das dinâmicas urbanas, de forma isolada, mas do cruzamento das várias dimensões da cidade, partindo dos lugares e dos sujeitos para compreender a interação dos indivíduos, trazida pela ruptura do cotidiano, e a relação existente entre suas agências e o espaço em que se inserem seus corpos, dando sentido ao vazio. Segundo o autor

Criações artísticas ou ações políticas podem, de maneira efêmera, pôr em relação indivíduos diferentes – e não apenas os anônimos da multidão. Todos à procura de conexões e associações que procuram existir contra o vazio de sentido e de relações que espreitam, como uma ameaça, qualquer habitante das cidades. A partir de encontros ritualizados, localizados, essas situações e pessoas que são mobilizadas fazem, por conseguinte, viver a cidade a longo prazo ao mesmo tempo que fazem aparecer as comunidades de movimento (Agier, 2011, p. 174)

- 69 É possível perceber que os movimentos, os deslocamentos dos grupos e indivíduos que fazem a festa, e também da população, promovem uma “desterritorialização e reterritorialização do espaço” (Noletto, 2016), que é mediada pelo poder público, uma vez que, durante as ritualizações, estas autorizadas pela administração da cidade a assumir um protagonismo temporário, gera uma reconfiguração dos sentidos de ocupação da cidade, despiando-a dos seus outrora sentidos e significados rotineiros, e dando-lhe novos usos, novos olhares e novos “donos”.
- 70 É possível perceber que a intervenção, através dos seus traços de libertação, subverte a rigidez das posturas públicas e permite novas interpretações de seus espaços públicos, incluindo a própria rua. Esse fato se deve à forte pregnância da festa, que demonstra claramente possuir uma articulação muito forte entre estrutura social e intervenção, esta que se incorpora à cidade com tamanha intensidade, trazendo um sentimento de pertencimento e familiaridade, como parte integrante e indissociável do urbano.
- 71 E esse sentimento de fazer parte, que legitima as Festas como um ato de resistência em meio às forças invisíveis, é que certifica a rua e os demais espaços públicos do centro da cidade como partes fundamentais desses feitos. Ou seja, a festa está constantemente sendo lembrada, ano após ano, por todos aqueles que passam pelas ruas. Ainda que a mesma não esteja acontecendo, seus símbolos impressos no cotidiano as fazem ser aguardadas durante todo o ano. E um dos mais importantes marcos das Festas de Agosto foi e é, atualmente, ocupar um local de representatividade para o município. De uma maneira geral, ter essa festa como uma das grandes imagens de representação da cidade atende às expectativas de uma sociedade que, hoje, vê seus valores refletidos na cidade.
- 72 Perante o vínculo da celebração com o espaço, é que também se identificam as relações existentes entre o material e o imaterial, e a indissociação entre eles. As Festas precisam estar junto à Igreja do Rosário, pois não só sua origem, mas o trabalho da comunidade está contido ali. A Igreja foi reerguida, após a demolição da antiga capela, e mesmo que possua traços modernos, um partido arquitetônico totalmente diferente da original, o que fortalece os laços com o local é o mito e sua celebração, a devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo. A igreja sempre foi local de reunião para os Ternos, mas também possui um valor afetivo, simbólico, cujo qual carrega o espaço de significados e sentidos invisíveis aos olhos. E é também por isso que as celebrações das Festas de Agosto não se sobrepõem com a programação do

evento do Festival Folclórico. As questões de identidade e pertencimento mostram-se critérios essenciais para a associação da festa ao espaço. Desde os primórdios de sua existência, a Igreja do Rosário é um elemento incorporado e indissociável das celebrações, e representa um símbolo materializado da fé e da devoção de quem faz a festa, e isso se reforça quando se adentra pela história do templo, que sofreu diversas ações, inclusive de demolição, em virtude das necessidades de modernização. Contudo, ela possui um valor inestimável para a população, e principalmente para os integrantes dos Ternos, que a reedificaram com as próprias mãos. Quando a Festa é transferida para a Praça Doutor Chaves, é como se houvesse uma perda significativa da essência e das motivações das Festas. O conjunto urbanístico da Praça Doutor Chaves é conhecido pelos casarões históricos que ocupam seu entorno. Edificações que, durante muitos anos, pertenceram às famílias da alta sociedade de Montes Claros – e até hoje carregam em sua identificação os sobrenomes de seus proprietários. A transferência do local da festa durante um período foi motivo de luta para os Ternos. Mas a questão é que esse nunca foi o lugar com que se identificaram, além de todos os motivos apresentados por seu representante, Mestre Zanza, que acompanhou o crescimento das festas e sempre reivindicou seu acontecimento junto à Igreja do Rosário. A tradição se torna uma forasteira no seu próprio lugar de origem devido ao que o espaço a representa.

- 73 Num determinado momento, cerimônias que acontecem de forma paralela, tentam um diálogo pautado numa relação mimética, permeada por conflitos, onde se tem como base a relação de poder, que vem marcada por interesses também de classes sociais, e por uma relação de pertencimento ou não, fazendo com que, historicamente, os que fazem a festa se sejam tidos como intrusos dentro do seu próprio espaço, assim como aquele que é do evento rejeita o outro dentro da relação de intromissão.
- 74 Portanto, pode-se dizer que a grande característica das Festas de Agosto é a de ocupar um lugar enquanto festa e evento ao mesmo tempo, de forma simultânea. A espetacularização em torno do Festival Folclórico, que propõe inúmeras atrações em seu formato, cria diversos conflitos e desvios de atenção, resultando em um protagonismo para atrações que ocupam um palco elevado, com luzes e holofotes, do que para os dançantes, que ocupam o nível da rua e precisam disputar um espaço com comerciantes, festeiros, mesas e cadeiras dispostos ali. Essa espetacularização faz com que parte do público que não conhece a história das Festas de Agosto e suas motivações, as vejam apenas pelo lado de uma apresentação, parte de um momento de evento, de espetáculo e de sociabilização. Ao mesmo tempo em que, para os que participam e que, não obstante, fazem a festa, estas são encaradas anualmente como uma missão, pois é nesse momento em que é atingido a expressão maior da fé, através da rememoração do mito, e com os devidos suportes simbólicos espaciais e materiais, por onde é externada a essência da religiosidade e da tradição popular. E mesmo diante do aspecto de modernização, as festas carregam uma essência, uma motivação que lhes dão vida, proveniente dos grupos que as fazem acontecer, que as preparam e organizam. A presença de um evento, como um festival, associado a elas, pode ter diversos significados e justificativas envolvidas, tanto sociais como políticas, mas o fato é que a celebração, a rememoração, a devoção ao símbolo e o momento são o que de fato trazem a essência para que o momento festivo seja revivido periodicamente.



---

## BIBLIOGRAFIA

- AGIER, M. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AMARAL, R. C. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. 380 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - USP, São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde21102004134208/publico/tesecapa1.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2020.
- BRANDÃO, C. R. **Peões, pretos e congos**: relações de trabalho e identidade étnica em Goiás. 1974. 408 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UNB, Brasília, 1974.
- BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989. 219 p.
- BRITO, A. E. C. **Catopês**: histórias de lutas e formação de identidade em Montes Claros - MG. 2014. 221 p. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/13369/1/angelabritook.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.
- CANAN, L. F. **Leitura da paisagem urbana da cidade de Montes Claros**: análise das transformações do "coração do núcleo urbano". 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PUC Minas, Belo Horizonte, MG, 2014. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial\\_CananLF\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_CananLF_1.pdf)>. Acesso em: 7 set. 2019.
- CIRINO, G. **Uma etnografia da devoção a São Benedito no litoral norte de São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032013-121106/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2001. 143 p.
- MALVEIRA, R. R. **Os Catopês de São Benedito em Montes Claros**: rastros uma ancestralidade mineira negra e festiva. 2011. 152 p. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - UFBA, Salvador, 2011.
- NOLETO, R. S. **Brilham estrelas de São João**: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém - PA. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11042017-084512/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- PAULA, H. **Montes Claros, sua história, sua gente e seus costumes**. Belo Horizonte: IBGE, 1957.
- PAULA, F. L. de. Uma Igreja na Encruzilhada. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v. 13, p. 36-45, 2014. Disponível em: <[https://www.ihgmc.art.br/revista\\_volume13.htm](https://www.ihgmc.art.br/revista_volume13.htm)>. Acesso em: 20 set. 2019.
- QUEIROZ, L. R. S. **Performance Musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. Tese. (Doutorado em Etnomusicologia) - Universidade Federal da Bahia. 100 p. 2005.

SANTANA, M. C. **Alma e festa de uma cidade**: devoção e construção da Colina do Bonfim. Salvador: EDUFBA, 2009. 252 p.

SILVA, A. O. **A folia do Divino**: experiência e devoção em São Luís do Paraitinga e Lagoinha. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10012010-161738/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

## RESUMOS

Através dos tempos, festas populares têm se mostrado como elementos indispensáveis para se pensar o espaço urbano contemporâneo, sendo cada vez mais associadas a propostas de valorização e trazendo novas possibilidades de leitura da cidade. O presente estudo tem como recorte as “Festas de Agosto” e o “Festival Folclórico”, duas celebrações religiosas e tradicionais do Congado na cidade de Montes Claros (MG), objetivando compreender a relação existente entre festa, evento e cidade, através de laços materiais e imateriais, sejam eles existentes na ocupação do espaço pelas celebrações, ou dos significados e vínculos criados a partir dessa relação no decorrer do tempo de sua existência. O estudo parte da revisão bibliográfica e um olhar etnográfico, atendo-se tanto a aspectos históricos, quanto à forma como as festas se operacionalizam atualmente, de maneira a identificá-las como foram se moldando junto à história da cidade, e como estas não só influenciaram seu desenvolvimento, mas como as festas também foram influenciadas pela construção do espaço e pela sociedade.

Throughout times, popular festivals have been presented as indispensable elements for thinking about the contemporary city, being increasingly associated with proposals for the enhancement of urban spaces, and bringing new possibilities for reading the city. This study focuses on the “Festas de Agosto” and the “Festival Folclórico”, traditional celebrations of the Congado in the city of Montes Claros (MG), with the main objective of understanding the relation between party, event and city, through material and immaterial ties, whether existing in the occupation of space by celebrations, or the meanings and bonds created from this relationship over the time of its existence. The study is based on an ethnographic perspective, taking into account both historical aspects and the way in which the festivities are currently operationalized, in order to identify how the Festivals have been shaping along with the city's history, and how this has not only influenced, but was influenced by them.

## ÍNDICE

**Keywords:** festas de agosto, congado, urban space, traditional parties, Montes Claros

**Mots-clés:** festas de agosto, congado, espaço urbano, festas populares, Montes Claros

## AUTORES

### LUIS FELLIPE DIAS SOUZA

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uberlândia, MG

[luis.fellipe.dias@gmail.com](mailto:luis.fellipe.dias@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0675-2022>

**LUIZ CARLOS DE LAURENTIZ**

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Uberlândia, MG

[ludelaurentiz@gmail.com](mailto:ludelaurentiz@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0699-1055>